

Reflexões sobre a ordenação documental e o estudo da correspondência do arquivo literário de Odette de Barros Mott (1913-1998)

Raquel Afonso da Silva (USP)¹.

Resumo: O presente artigo pretende abordar a experiência com a organização do Fundo Odette de Barros Mott, resguardado no arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)-USP, voltando-se, sobretudo, à correspondência preservada no acervo. Odette de Barros Mott (1913-1998) foi uma das pioneiras na produção literária voltada ao público adolescente e jovem – a qual se circunscreve entre as décadas de 1970 a 90 –, tendo, ademais, abraçado movimentos em prol da leitura e da divulgação e reconhecimento da literatura infantojuvenil no Brasil. As cartas conservadas no arquivo pessoal da escritora são memória de sua atuação no campo literário infantojuvenil brasileiro: o diálogo epistolar estabelecido com escritores, críticos, editores, leitores (crianças e jovens) e educadores materializam os esforços de Odette em produzir uma obra que abordasse os problemas enfrentados pela juventude de seu tempo, bem como em fazer seus livros circularem, serem lidos e debatidos. O trabalho com o fundo documental da autora, em fase de conclusão, foi proposto pelo projeto de pós-doutorado intitulado “Cartas a uma escritora: organização arquivística e estudo da Série Correspondência de Odette de Barros Mott, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo”, o qual se desenvolveu sob a supervisão do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, com financiamento da FAPESP.

Palavras-Chave: Arquivos pessoais. Correspondência. Literatura infantojuvenil. Odette de Barros Mott.

1) Introdução

O ato de constituição de um arquivo pessoal é uma forma de resistência à fugacidade do tempo, ação concomitante de preservação e criação da memória. Em se tratando de escritores, a prática da formação do próprio arquivo é também um meio de

¹ Raquel Afonso da SILVA. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: afonso.raquel@gmail.com.

escrita autobiográfica, projetando a imagem que o autor deseja construir de si próprio para a posteridade. (MARQUES, 2003).

Considerando-se o aspecto **autobiográfico** dos acervos literários, a organização do arquivo exige trabalho consciencioso por parte do arquivista – ou daquele que faz as vezes de – no sentido de preservar a integridade dessa memória resguardada pelos inúmeros documentos e objetos do acervo. Por outro lado, o pesquisador que lida com esses arquivos precisar ter uma postura “subversiva” frente a esse objeto, no sentido de desconfiar das significações aparentes dessa ordem original dos documentos, da intencionalidade de sua preservação, e se indagar sobre os silêncios do arquivo, suas lacunas e significados obscurecidos. (MARQUES, 2003).

No trabalho realizado com o Fundo Odette de Barros Mott (Fundo OBM), resguardado pelo arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)-USP, foi necessário investir-me do duplo papel de arquivista e pesquisadora, buscando, por um lado, um entendimento da estrutura autobiográfica do acervo e, por outro, procurando fazer uma leitura a contrapelo desta mesma estrutura. Nesse artigo, proponho-me a apresentar os métodos adotados na ordenação do Fundo OBM, bem como a discutir aspectos do estudo da correspondência nele preservada, apresentando o caminho proposto para a elaboração de uma seleta de cartas de/para a escritora Odette de Barros Mott.

2) O Fundo OBM

O trabalho inicial com o **Fundo Odette de Barros Mott** impôs o grande desafio de estabelecer uma forma de organização para os 9579 documentos que o compõem. Propor um quadro de arranjo para um acervo documental, dentro das premissas estabelecidas pela arquivística moderna, requer um conhecimento acurado da documentação como um todo. Os primeiros meses de pesquisa foram, portanto, dedicados à leitura extensiva dos documentos, que haviam passado pelo processo de

higienização e listagem prévia, mas ainda mantinham a organização de sua proveniência.²

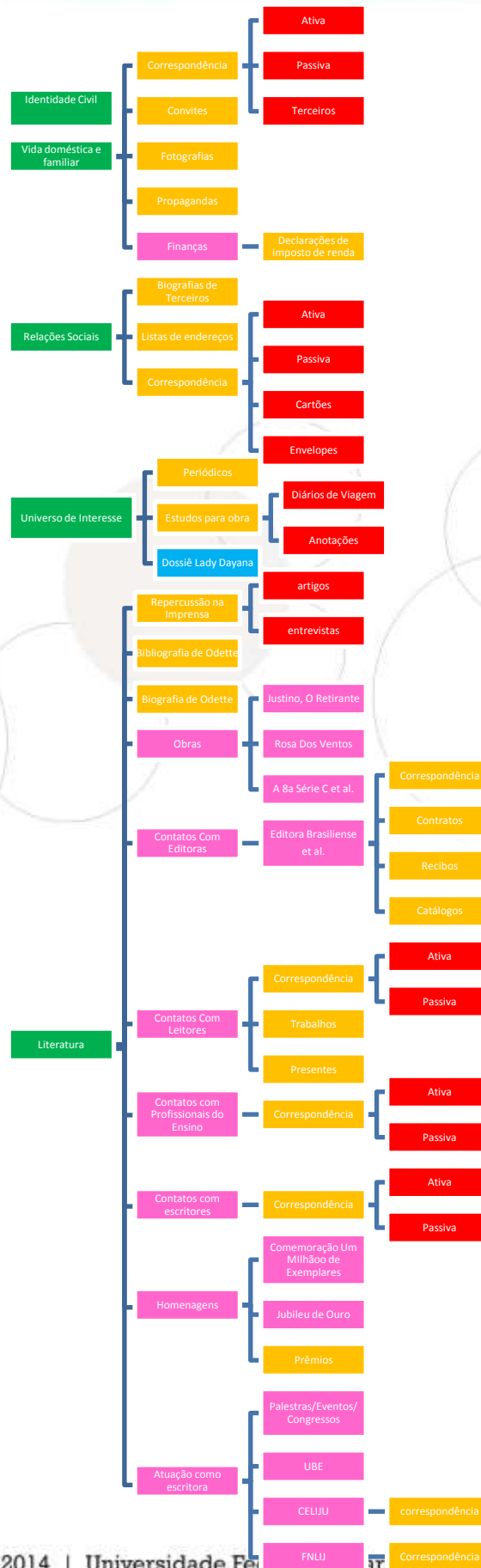
À medida em que progredia a leitura do material, foram se delineando inúmeras conexões entre os documentos diversificados do fundo – contratos, recibos, recortes de jornal e revista, cartas, dentre outros. O entendimento dessas relações é essencial ao trabalho do arquivista, a fim de que se possa estabelecer o **quadro de arranjo** do fundo, que consiste em uma forma de agrupamento dos documentos em unidades significativas, vinculadas entre si. O quadro de arranjo estabelece uma estrutura hierárquica entre grupos e subgrupos, séries e subséries, preponderando a intenção de vincular cada documento ao momento de sua gênese, ou melhor, para utilizar um termo da arquivística, relacionar o documento a seu **evento de origem**. (BELLOTO, 2006).

É oportuno, no entanto, pontuar que “a segmentação em séries e subséries, como procedimento arquivístico na organização de fundo de escritores, serve apenas para traçar linhas estratégicas em um organismo extremamente coeso em suas relações internas.” (MORAES, 2007. p. 146). O documento pode servir de registro de um determinado evento ou atividade, mas é somente em sua relação com o todo do arquivo de que faz parte que ele assume sua potencialidade de significações, acrescentando, intervindo, integrando a construção dos traços múltiplos da “trajetória de uma personalidade”.

O quadro de arranjo do Fundo OBM foi elaborado tendo como modelo os organogramas de outros fundos documentais de escritores – já descritos e/ou em processo de descrição no Banco de dados do IEB (Fundo Mário de Andrade, Fundo Caio Prado Jr., Fundo Osman Lins, dentre outros) – e levando-se em conta, sobretudo, as idiosincrasias do arquivo pessoal da escritora.

A primeira configuração conjecturada já sofreu diversas modificações ao longo da leitura e descrição dos documentos, assumindo por hora a estrutura apresentada no organogram

² A ordenação primária desse acervo certamente teve a orientação de sua signatária, mas não se pode descartar possível (is) interferência(s) de seus familiares, posto que a doação do acervo foi realizada em 2002, quatro anos após o falecimento de Odette.



a³ a seguir:

O grupo é a primeira divisão hierárquica de um quadro de arranjo e o que norteia a constituição dos grupos, em se tratando de arquivos pessoais, são as atividades e funções daquele que originou o fundo documental. No Fundo OBM estipulamos 5 grupos: **Identidade Civil, Vida Doméstica e Familiar, Relações Sociais, Universo de Interesse e Literatura.**

Em alguns casos, a depender sobretudo do aspecto quantitativo do fundo, os grupos comportam **subgrupos**, no interior dos quais podem se constituir **séries** de agrupamentos. Enquanto os subgrupos reúnem documentos de naturezas distintas (cartas, convites, certificados, declarações, etc., relacionados a contextos diversos de produção), as séries, via de regra, comportam uma sequência de documentos de mesma “natureza”, ou seja, que se relacionam a um contexto similar de produção e possuem uma mesma tipologia⁴.

Nessa perspectiva, cada obra de Odette, por exemplo, constitui – no interior do grupo **Literatura** – um subgrupo, uma vez que reúne documentos de naturezas diversas como manuscritos (autógrafos e datiloscritos), recortes de jornal, capas de livros, dentre outros.

O volume de cartas resguardadas no Fundo OBM, bem como a natureza de seus remetentes/destinatários e das relações que estabelecem com Odette, firmaram a necessidade de se constituir diferentes séries de correspondência no quadro de arranjo. As cartas de/para familiares estão agrupadas na série correspondência do grupo **Vida Doméstica e Familiar**; as cartas trocadas com leitores, profissionais de ensino, escritores, editoras, bem como aquelas relacionadas às atividades de Odette no CELIJU

³ Legenda para o organograma: Verde – Grupos; Rosa – Subgrupos; Laranja – Séries; Vermelho – Subséries; Azul – Dossiê.

⁴ A Comissão de Estudo de Terminologia Arquivística da Associação Brasileira de Normas Técnicas estabeleceu a seguinte definição para série: “Designação dada às subdivisões de um fundo que refletem a natureza de sua composição, seja ela estrutural, funcional ou por espécie documental. As séries podem ser subdivididas em subséries.” (*Projeto 4.04.01*, da Comissão de Estudo de Terminologia Arquivística/Comitê Brasileiro de Finanças, Bancos, Seguros, Comércio, Administração e Documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1982. apud BELLOTTO, 2006. p. 153.)

e a suas relações com a FNLIJ⁵, estão rearranjadas em séries distintas no interior do grupo **Literatura**, enquanto as cartas de/para amigos e demais contatos encontram-se agrupadas em **Relações Sociais**.

A correspondência da escritora é bastante sugestiva de sua trajetória literária, voltada à literatura infantojuvenil brasileira, entre as décadas de 1960 e 90. Os vários grupos de interlocutores de Odette, já enunciados pela composição do quadro de arranjo e de cujas cartas tratarei na sequência, demonstram o empenho da escritora na produção, divulgação e consolidação da literatura para crianças e jovens no Brasil, bem como na formação de seu público leitor.

3) A correspondência do Fundo OBM

Um dos resultados do trabalho com o Fundo OBM será a organização de uma seleta de cartas de/para Odette, contemplando os distintos grupos de remetentes/destinatários que pude apurar ao longo da pesquisa e que brevemente apresentarei na coletânea de cartas a seguir. A preparação da seleta suscita indagações em torno do estabelecimento do texto nas transcrições das cartas (atualização da ortografia, manutenção de erros ortográficos, padronização da estrutura, etc.) e da elaboração de anotações, somando-se, neste aspecto, aos estudos sobre edições de carta que ora proliferam em nosso meio acadêmico.

O intuito principal da seleta é apresentar ao público um traçado da imagem da escritora criada/preservada por seu arquivo pessoal, servindo de incentivo a estudos em torno de fontes de primárias, bem como a iniciativas de preservação desta memória individual e coletiva, tão crucial à conservação de nossa própria cultura.

Um dos traços marcantes da **imagem da escritora** Odette de Barros Mott (constituída por seu arquivo pessoal) diz respeito à relação dela com o público leitor, intermediada, muitas vezes, pelas cartas. A correspondência de Odette com os leitores

⁵ Respectivamente, Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil e Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

possibilita à escritora um conhecimento destes e, por outro lado, a continuidade do diálogo iniciado, de modo genérico, pelas narrativas e que prossegue em tom intimista e particular, numa escuta e aconselhamento por parte da autora. No trecho⁶ que se segue, uma jovem leitora sinaliza a confiança que a leitura das obras de Odette lhe despertou:

[...] Adoro os seus livros, acabei de ler Mistério? Misterioso Amor. Gostei muito.

Você me parece tão jovem, nem parece ter 74 anos, você entende nós jovens.

Eu tenho 15 anos e vivo cheia de problemas, nós que estamos na adolescência sempre nos sentimos só, por que?

Será que é porque está mudando o nosso jeito de pensar. Estamos enfrentando problemas que antes não achávamos difíceis e tínhamos os nossos pais para recorrer, e agora...

Agora eu não consigo falar com os meus pais como antes, sempre há o conflito. Eu sei que o que falta é o diálogo, mas não sei o que acontece, que não consigo falar com eles.

Nem conheço você, e estou lhe escrevendo assim, mas você me parece tão amiga e de confiança.

Neste livro você conta que recebe cartas e jovens em sua casa, foi por isso que decidi escrever. [...]⁷

Outra faceta do público leitor é representada pelos pais e educadores que, na condição de mediadores de leitura, trocam com a escritora suas experiências na difícil tarefa de orientar os jovens tanto em sua formação como leitores, quanto em relação à educação moral destes. A carta transcrita a seguir é de uma educadora que compartilha com Odette sua preocupação em formar leitores críticos, apontando para o auxílio prestado pelos livros da escritora no cumprimento deste propósito:

⁶ Optou-se por manter a ortografia original das cartas nas transcrições.

⁷ IEB-USP. Fundo OBM, OBM-C-0857. 25 ago. 1987.

Recife, 27 de abril de 1991

Querida Dona Odette!

Permita-me chamar-lhe assim, querida, é um termo íntimo, apesar do nosso conhecimento ser unilateral (eu a admiro e conheço parcialmente seu trabalho), acho-me a vontade para lhe tratar assim, e repito: Querida Dona Odette!

Como professora de técnica de redação, já tive a oportunidade de trabalhar com meus alunos alguns de seus livros, entre eles: O Filho do Bandeirante, A Caminho do Sul, e, agora, O Mistério do Escudo de Ouro.

É grande preocupação minha formar leitores críticos e conscientes, capazes de identificar um texto verdadeiramente literário, assim, em seus livros, encontro sempre temas ricos e de alcance para o trabalho a que me proponho. [...]

Sei que é muito importante para o autor este contato com o leitor, por isso estou lhe enviando algumas cartas de meus alunos da 7ª série. [...]

[...] Sei que és muito ocupada, mas seria muito agradável receber ao menos uma cartinha sua para as duas turmas, se não der para responder individualmente.

Procurei ao máximo não interferir na opinião de seus jovens leitores e sim, deixá-los opinar livremente. [...]⁸

As relações da escritora com as casas editoriais que publicavam literatura para crianças e jovens nas décadas de 1960 a 1990 também são contempladas na correspondência presente em seu arquivo pessoal. Os diálogos com os editores tangem questões como direitos autorais, a profissionalização do escritor de literatura

⁸ IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CPE-0328.

infantojuvenil no Brasil, o mercado editorial do livro para crianças e jovens no Brasil, apontando ainda para a intervenção do editor no texto publicado.

A carta que se segue é de Yolanda Cerquinho Prado, idealizadora da coleção “Jovens do Mundo Todo” e editora da Brasiliense no período em que Odette começou a publicar nesta companhia. Por ocasião desta carta, Yolanda encontrava-se afastada das atividades da editora, estando o comando a cargo de seu irmão Caio Graco Prado. Não obstante, Odette lhe envia os originais de *Rosa dos Ventos* a fim de receber os comentários de sua ex-editora, em cujo parecer crítico confiava. Por sinal, Odette faz algumas alterações em sua obra seguindo sugestões de Yolanda:

Paris, 6 de agosto de 1971

Cara Odette,

achei ótima sua idéia de enviar-me o original “Rosa dos Ventos” pessoalmente por Fúlvia. [...]

Do ponto de vista “aspecto educacional”, o tratamento que você dá ao caso do menino efeminado merece parabens. Que eu saiba nunca foi tema abordado em novelas para adolescentes, e era fundamental que as coisas fossem colocadas como você o fez. Também a personalidade da namorada é muito viva. Marta.

Não vou esquecer o caso de Luis. O fato de você terminar o romance com seu episódio, dá mais ênfase. A droga como fraqueza e fuga, está muito bem caracterizada. Os episódios tem realidade, autenticidade, sente-se que você trabalhou bem o vocabulário, e teve trabalho com o enredo... Acho que será boa oportunidade para uma professora inteligente abordar o assunto. Você teve coragem, enfrentando estes temas.

Aliás, meu único senão ao original, seria talvez um excesso de romantismo na descrição da vida na papelaria. Acredito que haja um modelo desses, perdido no Centro de São Paulo, mas a realidade é bem outra.

Si Pedro fosse um gerente, ainda vá lá. Mas um proprietário fenômeno, bom, inteligente, quase um psicólogo amador, um gerente também de mesmo naipe, como você descreve... acho exagerado. Sabe que às vezes eu tinha a impressão de estar lendo a descrição duma loja montada pela Liga das Senhoras Católicas para reeducação de jovens?

Si fosse você, abaixaria o posto de Pedro, deixando o dono ser um ausente rico financiador. Senti grande contraste entre o início e o final do livro, entre os episódios que comentei antes e essa idílica vida profissional.

Isso tudo seria mais bem observado si pudéssemos conversar pessoalmente. Assim por escrito a ênfase parece maior. Mas você me conhece bastante para avaliar o interesse construtivo com que faço observações a seus trabalhos.

Esperando vê-la em sua próxima visita aos filhos parisienses, meu muito cordial abraço

Yolanda Cerquinho Prado⁹

A correspondência da escritora resguarda ainda o diálogo com escritores e demais figuras voltadas à fomentação da leitura e da literatura infantojuvenil no Brasil, apontando para o papel atuante de Odette, que participou de instituições como o CELIJU (Centro de Estudos da Literatura Infantil e Juvenil), da qual foi cofundadora e grande incentivadora, centro que promoveu, entre as décadas de 1970 e 90, atividades diversas em prol da literatura infantojuvenil no estado de São Paulo.

Na carta que escreve à escritora Bárbara Vasconcelos de Carvalho¹⁰, por exemplo, transparece a dedicação de Odette ao CELIJU e sua preocupação de que o centro de estudos pudesse se configurar em um ambiente no qual o debate em torno da literatura infantojuvenil influísse na própria produção dos escritores:

Estimada Bárbara – abraços

Estamos a par de suas atividades, através da Idaty¹¹. O grupo vai bem com muito entusiasmo e boa frequência às reuniões.

⁹ IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CPB-003.

¹⁰ Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1915-2008) foi uma das pioneiras no Brasil nos estudos sobre literatura infantojuvenil.

¹¹ Idaty Brandão Onaga, sócia-fundadora da CELIJU que, por ocasião da fundação do Centro, era uma das diretoras da Biblioteca Monteiro Lobato.

O que me atrapalha um pouco, é ainda a falta de um programa bem orientado. Sou leiga no assunto – tenho procurado me informar com pessoas competentes mas, realmente, o grupo cresceu muito e esta falha nos prejudica um pouco. As reuniões são tumultuadas, forma-se grupinhos de bons bate-papos.

Se você tiver um programa daquilo que é essencial e importante para se tratar nas reuniões, mande-me, por favor e logo.

Gostaria de ter informações bem detalhadas sobre a necessidade de os escritores não se limitarem somente ao seu gênio criativo, mas compreenderem que o escrever para jovens, traz a responsabilidade da pesquisa, da abertura para informações e críticas, de uma renovação constante. Ou nós acompanhamos toda essa evolução ou então ficamos atrás, escrevendo para a criança que fomos. Nada para o jovem atual.

Ter possibilidades de escrever, e de escrever bem e bonito não basta para o jovem leitor. É preciso mais, é preciso informar para formá-los.

Isso, Bárbara, que você sabe mais do que eu, pois é especialista no assunto, está difícil para o grupo compreender.

Se você tiver algo que possa nos ajudar, mande, por favor.

[...]

Em outubro, durante a semana da criança, tomaremos parte numa exposição de livros infantis e juvenis de escritoras brasileiras, no Anhembi.

Você poderia fazer o favor de, urgentemente, nos mandar nomes e endereços de escritoras baianas radicadas aí? É urgente.

Quando vier a São Paulo, telefone-me e venha jantar comigo.

Um abraço

Odette de Barros Mott

P.S. As reuniões do Celiju (Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil) são sempre na última 4ª feira do mes, na Câmara. Apareça.¹²

¹² IEB-USP. Fundo OBM, OBM-CACELIJU-01.

4) Considerações Finais

O sabor do arquivo é visivelmente uma errância por meio das palavras de outro, a procura de uma língua que salve suas pertinências.

(FARGE, 2009. p. 119).

É oportuno refletir, a partir da epígrafe extraída do texto de Arlette Farge, que não há um percurso previamente marcado para o pesquisador de arquivos: seguimos como “andarilhos” por entre documentos, buscando alguma forma de significação para a vastidão de palavras que ecoam no fundo documental. Sob este aspecto, não existe somente uma leitura ou trajetória possível, não há uma “verdade” do arquivo, há discursos que se erigem a partir de um ou outro foco assumido pelo pesquisador.

A leitura que apresentei das cartas, nesse breve artigo, é uma dentre muitas possíveis. Resta a expectativa de que outros pesquisadores se debrucem sobre esse material – agora já ordenado e, em grande parte, catalogado – para que novas leituras assomem e revigorem a memória preservada pelo arquivo pessoal da escritora Odette de Barros Mott.

5) Referências Bibliográficas

BELLOTTO, Heloísa. *Arquivos Permanentes: Tratamento Documental*. 4ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FARGE, Arlette. *O Sabor do Arquivo*. Tradução Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MARQUES, Reinaldo. *O Arquivamento do Escritor*. In: SOUZA, Eneida M.; MIRANDA, Wander M. (orgs). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.



ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

MORAES, Marcos Antônio de. *Orgulho de Jamais Aconselhar: A epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2007.

